

Covas pode até renunciar à liderança

Ele deu a entender que essa possibilidade existe, ao dizer que "enquanto for líder" terá de se submeter à bancada, inclusive sobre o mandato de Sarney.

O senador Mário Covas deixou no ar, ontem, em Porto Alegre, a possibilidade de renunciar à liderança do PMDB na Constituinte. Em entrevista coletiva à imprensa, depois de dar uma palestra a empresários gaúchos, Covas voltou a defender mandato de quatro anos para o presidente Sarney, mas disse que se renderia ao eventual predomínio, na convenção partidária, da "tese dos cinco anos, contando desta forma na Constituinte. Indagado por um repórter se renderia também aos cinco anos no caso de ser escolhida como foro de decisão partidária apenas a bancada constituinte, Covas não deixou clara a sua posição. Inicialmente, afirmou que "enquanto for líder" terá de aceitar a posição majoritária da bancada. Depois, perguntado se poderia então renunciar à liderança para votar pelos quatro anos, disse: "O que eu farei depende do resultado. Por que eu anteciparia?"

Diante da impressão deixada de que poderia realmente renunciar à liderança, Covas procurou consertar, dizendo que isso não lhe passa pela cabeça e que não é seu estilo fazer "chantagem política". Mas esse não foi o único assunto delicado comentado pelo senador. Ele negou que tenha deixado de ter compromissos com Sarney, e disse não acreditar que o presidente venha condicionar o repasse de recursos aos Estados ao apoio dos governadores à sua pretensão de ficar cinco anos no poder. "Isso era coisa de outros governos", ponderou. Covas também negou que seja candidato à sucessão de Sarney, mas confirmou que, "se puder", será candidato ao governo de São Paulo, em 1990.

Na sua palestra aos empresários, promovida pela seção gaúcha da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, Mário Covas defendeu a adoção, na futura Carta, do princípio do chamado "mandato imperativo", através do qual os compromissos assumidos pelos candidatos durante as campanhas eleitorais devem ser registrados em cartório, e as casas legislativas possam desconsiderar seus votos que sejam contrários a esses compromissos.

"Grupo do Covas"

O "grupo do Covas" está se estruturando na Constituinte, com a participação de parlamentares do PMDB, PDT, PT, PSB, PCB e PC do B. O senador tem mantido contatos com representantes do PT, tendo à frente o deputado Luís Ignácio Lula da Silva, do PDT, com o líder Brandão Monteiro, com os chamados "progressistas" do PMDB — houve uma reunião no apartamento do deputado Fernando Lyra — e já conversou com o secretário-geral do PC do B, João Amazonas. E Covas está sempre em contato com Roberto Freire, líder do PCB.

O objetivo do grupo é o de organizar as forças à esquerda para enfrentar os moderados nas comissões temáticas e no plenário da Constituinte. Além das divergên-

cias ideológicas separando boa parte do PMDB — Cardoso Alves garante que a maioria do partido defende a iniciativa privada, o direito de propriedade e lutará contra o domínio do Estado na economia —, o tamanho do mandato de Sarney também é divisor de águas.

Apesar das divergências, o líder do governo, Carlos Sant'Anna, levou ontem ao líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, proposta de ampliação das articulações internas com todos os grupos divergentes, de modo a atingir a unidade do partido. Sant'Anna sugeriu que o próprio Fernando Henrique, juntamente com o presidente Ulysses Guimarães, venham a ser os condutores da articulação. E, indagado se o líder da Constituinte, Mário Covas, não deveria ser integrado ao processo de reunificação do PMDB, Sant'Anna respondeu: "Eu torço para que ele entre".

Depois do encontro com o líder do governo, Fernando Henrique comentou que aceita participar dos esforços em busca da unidade partidária, mas ressaltou que não concorda com nenhuma eventual estratégia que venha a resultar na tentativa de isolamento de Mário Covas.

Descrença

Porém, há descrença quanto à possibilidade de surgir uma unidade partidária. O deputado Hélio Duque (PMDB-PR) discorda das tentativas nesse sentido, as quais considera "frustradas antecipadamente", pois acha que há duas correntes irreconciliáveis: a conservadora, liderada por Ulysses Guimarães, e a progressista, por Mário Covas. Segundo Duque, o PMDB está cada vez mais desfigurado pela aparente prevalência dos conservadores, "mas nós não vamos ceder em nossas posições nem contribuir para desmoralizar a tradição reformista do partido". No mesmo tom, Miro Teixeira (RJ) diz que "daqui para a frente não só o PMDB mas a Constituinte vai se dividir em dois blocos, o dos nacionalistas e o dos entreguistas". E previu que a maioria do seu partido e também dos parlamentares das demais legendas formarão na primeira corrente.

Além de descrente, Hélio Duque está irritado com o comportamento de oito dos 12 peemedebistas que integravam a Subcomissão dos Princípios de Economia, e com o fato de dirigentes do partido estarem "marginalizando" o líder Mário Covas. Ele afirmou ontem, na Constituinte, que seu partido é hoje "um partido doente", e que "este não é o meu PMDB".

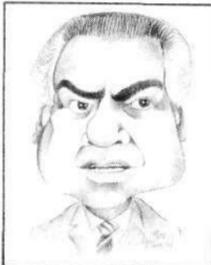
O deputado fez acusações ao presidente do partido, Ulysses Guimarães, ao ministro Vicente Fialho, da Irrigação, e ao palácio do Planalto. E terminou com uma advertência: "Ninguém apunhalará Mário Covas, porque a todo ato traçoeiro e vil, corresponderá uma reação desta tribuna, já que queremos cessar o diálogo dentro do nosso partido".

RICHA

Desilusão com a Constituinte

O senador José Richa (PMDB-PR), como num desabafo, confessou ontem que já esteve mais otimista em relação aos trabalhos da Constituinte. "Pela desorganização e pela falta de um posicionamento prévio do PMDB, principalmente, receio que o nosso trabalho poderá não corresponder", disse. Richa reafirmou que está lutando por uma Carta de "centro-progressista", nem tão avançada, nem tão retrógrada.

Richa também colocou em dúvida a validade e a oportunidade da reunião promovida por Ulysses Guimarães e o líder Luiz Henrique, anteontem, com coordenadores das bancadas regionais. Ele acha que qualquer orientação do PMDB sobre comportamento de deputados e senadores nas futuras votações da Constituinte — nas co-



missões temáticas e no plenário — dificilmente serão seguidas se não constarem do programa do partido. Segundo o senador, em problemas ideológicos ou na discussão de sistema de governo e duração do mandato presidencial, por exemplo, prevalecerá a opinião pessoal de cada parlamentar.

Nesse encontro, os 17 coordenadores, dentro das propostas de Ulysses, Luiz Henrique e do governador Pedro Simon, de buscar a har-

monia interna, propuseram que em cada comissão os representantes do PMDB entrem em acordo nas votações — o que a maioria decidir, todos devem acatar. Para José Richa, esta orientação só teria consequência se envolver questões programáticas do partido, "o que não é o caso, por exemplo, do sistema de governo e duração do mandato presidencial".

O ex-governador do Paraná acha que em problemas que integram o elenco do programa do partido, a orientação seria um balizamento importante, capaz de refletir na atuação das bancadas os compromissos históricos do PMDB. Segundo ele, fora disso — questões institucionais e de princípios ideológicos — deverá prevalecer, indiscutivelmente, a posição de cada constituinte.